



**OS NOVOS ARRANJOS DO EXÔDO RURAL: A EVASÃO TEMPORÁRIA DE
JOVENS AGRICULTORES FAMILIARES GAÚCHOS**

**VALDEMAR JOÃO WESZ JUNIOR; JAMES DIEGO ROTH; VICTOR MATEUS
MENEZES DE MATTOS; ANA MARGARETE ROGRIGUES MARTINS
FERREIRA; IRAN CARLOS LOVIS TRENTIN;**

UERGS

SÃO LUIZ GONZAGA - RS - BRASIL

jwesz@yahoo.com.br

PÔSTER

MERCADO DE TRABALHO AGRÍCOLA

**OS NOVOS ARRANJOS DO EXÔDO RURAL: A EVASÃO TEMPORÁRIA DE
JOVENS AGRICULTORES FAMILIARES GAÚCHOS**

Grupo de Pesquisa

8 - Mercado de Trabalho Agrícola

INTRODUÇÃO

As diversas transformações que ocorreram no cenário agrícola nos últimos anos têm alterado também a própria estrutura populacional de quem vive neste meio. As relações e o modo de trabalho inferem na composição familiar das pessoas que vivem no campo, onde as condições de trabalho e renda nem sempre são atrativas para determinadas classes etárias, outrossim não são atrativas para pessoas de todas as idades, fazendo com que problemas como o êxodo rural, masculinização e o envelhecimento da população tornem-se situações cada vez mais freqüentes.

Está claro que o apoio à agricultura familiar tem sido cada vez mais difundido, pois têm sido reconhecida a sua grande importância na busca de uma nação mais sustentável e pluriativa. Contudo, ainda ocorre uma grande marginalização – que também existente no meio urbano – que faz com que os agricultores, principalmente os jovens, não acreditem em perspectivas de desenvolvimento neste meio, já que deparam-se com um grande litígio de empregos e de elementos que fascinam as pessoas mais jovens. Mas para muitos destes, o principal motivo que leva-os a abandonar o campo não é a vontade de viver na agitação das cidades, e sim pela impossibilidade destes alcançarem seu pleno desenvolvimento econômico através de atividades agrárias. Dessa maneira, segundo Silvestro et al (2001, p.22) “é necessário uma inovação na política fundiária brasileira que abra caminho para que milhares de jovens agricultores possam realizar suas vocações e desejos profissionais”. Essa inovação pode vir da realização de uma verdadeira reforma na estrutura agrária que contemple para o morador rural: distribuição de terras; crédito agrícola; infra-estrutura; educação; capacitação e assistência técnica; lazer; etc.

Em meio a isto, o presente artigo reflete os principais condicionantes do êxodo rural no Brasil e mostra uma situação ocorrente com jovens do município de Mato Queimado, no interior do Rio Grande do Sul, que na busca por melhores condições de vida, migram para a Suíça para trabalharem no setor agrícola, como contratados temporários. Num país onde o trabalho do agricultor é muito mais valorizado que no Brasil muitos deles permanecem lá morando; já outros voltam e investem na sua terra natal o dinheiro que receberam. Para o município de Mato Queimado, esta entrada de capital tem sido benéfica, já que possibilita a amplitude de novos negócios, empregos e renda. Mas e quando estas pessoas preferem ficar no outro país?

PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

A pesquisa de campo foi realizada mediante entrevista estruturada feita a 25 jovens mato-queimadenses que foram trabalhar temporariamente em zonas agrárias suíças. A primeira parte do questionário aplicado continha perguntas relacionadas às impressões, vantagens e percalços que os trabalhadores encontraram no país estrangeiro. Na segunda,

foram feitas perguntas sobre a mudança financeira que o trabalho proporcionou, e se os mesmos investiram o dinheiro em suas propriedades ou outro tipo de comércio.

O estudo foi realizado paralelamente a um diagnóstico do sistema agrário de Mato Queimado, onde foi possível entender mais profundamente os condicionantes que levam os jovens do município a procurarem novas fontes de emprego e renda. Pois, nesta outra análise foi ouvido o próprio depoimento dos pais destes jovens, relatores do cotidiano de suas atividades no campo.

Paralelamente, à montagem do banco de dados primários foi elaborado um banco de informações contendo os dados secundários colhidos a partir de uma consulta das informações censitárias e institucionais (IBGE, PRONAF, EMATER e INSS) e de outros registros estatísticos que permitissem uma aproximação em relação às características gerais das zonas acima identificadas, centrando o foco de análise em aspectos vinculados ao desenvolvimento (IDH) do município, incluindo outros indicadores como o Índice Social Municipal Ampliado (ISMA) da FEE¹. Além disso, um aporte bibliográfico como base, publicações de vários pesquisadores para visualizarmos os processos sociais até então decorrentes a nível regional e avaliar os possíveis fatores que foram determinantes para o êxodo dos agricultores familiares do meio rural.

MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA

A modernização do campo, que a partir da década de 70 foi idealizada pela elite brasileira, favoreceu os interesses dos grandes agricultores e das empresas multinacionais (indústrias de insumos agrícolas, de maquinários, etc.), provocando grande exclusão dos pequenos produtores. Dessa maneira, os pequenos proprietários, arrendatários, meeiros, posseiros, etc., se viram obrigados a migrar para as cidades, pois ficaram comprimidos por uma política que favorecia apenas o grande produtor. Assim, o êxodo rural que ocorreu nesse período abrangeu pessoas de todas as idades, pois migraram famílias inteiras, desde pessoas idosas até crianças.

Dentre os mais variados estudos realizados pelo Censo Demográfico ainda são limitados os que aprofundam-se sobre a temática do êxodo rural. Esta falta de interesse é presente até mesmo entre os demógrafos, que passaram a dedicar maior atenção aos novos temas que surgem na sociedade, como o aumento da violência nas cidades, desemprego, evasão escolar, etc. A omissão de um fato que vem modificando o cenário rural brasileiro permite que os problemas adjuntos ao mesmo sejam colocados em segundo plano, dentro das prioridades de reestruturação social. No entanto, as novas fronteiras do êxodo abarcam consigo situações que não podem ser mantidas, pois sua evolução ruma para um caminho onde as populações rurais podem ficar socialmente descaracterizadas, seja por gênero, por oportunidades de emprego ou pela sua própria natureza funcional.

O acentuado êxodo de jovens do meio rural mostra que o contato entre o campo e a cidade é cada vez mais irrestrito. Resta saber se esta inter-relação representará uma grande mudança na esfera social deste ou daquele espaço. É provável que no campo, tanto jovens como pessoas de outras faixas etárias, não venham encontrando um ambiente propício para a construção compensatória de sua cidadania, bem como de condições de vida capazes de promover a sua

¹ Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul.

suficiência econômica. Apesar disso, é contraditório que, com o aumento da violência e desemprego das cidades, muitas pessoas preferam habitar este meio. Para jovens rurais têm valido mais a pena procurar as cidades, pois nelas afloram a moda, os costumes e os pensamentos coletivos dos de sua idade, estampados a todo o instante nos veículos de comunicação.

Em meio as evidentes dificuldades que afligiram e afetam atualmente a agricultura familiar, principal categoria social rural atingida pela evacuação de seus constituintes para outras regiões, percebe-se que as políticas públicas não foram capazes e eficientes o suficiente para dar as condições necessárias para que estes atores pudessem continuar a permanecer no seu meio de origem. Contudo, acusar somente as faltas de ações governamentais não basta, pois é explícito que a modernização de sua agricultura aliada as classes que detiam maiores quantidades de terra foi, sem dúvida, um fator importantíssimo para a exclusão dos pequenos agricultores de seus sistemas produtivos, de sua área, enfim, e como acima ressaltado, estes indivíduos foram excluídos do campo. Vale ressaltar ainda, que outros fatores auxiliaram neste êxodo, tais como: as tecnologias cada vez mais automatizadas que cada vez menos abrigavam mão-de-obra; as monoculturas que uniformizaram as produções e subordinaram os agricultores as indústrias de insumos e genética; o endividamento frente aos bancos, sendo que teve-se que entregar seus bens para quitar tais obrigações; a globalização que tornou-o vulnerável a flutuações internacionais e incrementou a dependência tecnológica consorciado com o aumento dos custos de produção que acarretam, principalmente para os pequenos, a diminuição da renda ou, até mesmo, o endividamento destes; a abertura de novas fronteiras agrícolas ou de trabalho.

- **A crescente migração campo-cidade**

Em 1970 foi registrado o maior índice de habitantes rurais do Brasil, com 41 milhões de pessoas, correspondendo 44% da população total. À partir de então, tem ocorrido um declínio populacional constante no meio rural, sendo que em 1996 o seu número de habitantes chegou a um total de 33,8 milhões, equivalendo a 22% do total da população brasileira.

São cada vez mais jovens que têm deixado o campo. Tratando-se da região Sul, durante os anos 70, quase metade (45,5%) da população rural que residia nesta região no início da década sai do campo e vem daí nada menos que 29% de todos os migrantes rurais do país. Nestes 10 anos, sua população rural tem uma redução de 2 milhões de habitantes. Os subsídios, os incentivos econômicos e o aparato institucional mobilizados para estimular a adoção de técnicas produtivas e culturas altamente poupadoras de mão-de-obra são certamente a razão principal de um êxodo tão rápido (Abramovay, 2000).

No entanto, isso pode parecer fruto das últimas décadas, apesar disso, ainda ocorrem evacuações, não tão expressivas por consequência da diminuição da população ativa rural, mas que ainda acarretam custos sociais e culturais inafiançáveis. Entretanto, o que ainda está contendo parte desta evacuação são as atividades não-agrícolas no meio rural ou nos centros “urbanos” próximos que, segundo Schneider (2003) e Sacco dos Anjos (2003), está sendo uma forma dos agricultores e suas famílias terem as condições almeçadas sem necessitarem, exclusivamente, de continuarem nas atividades agrícolas. Não obstante, Mato Queimado constitui-se em um pequeno município gaúcho situado nas Missões do Rio Grande do Sul que tem sua economia alicerçada no setor primário o que aumenta a vulnerabilidade pelas instâncias climáticas e pelas precipitações

internacionais, seja em relação aos preços dos insumos, bem como, dos produtos pagos pelos agricultores.

Em suma, apesar de sua magnitude global, os anos 90 parecem apontar em duas direções diferentes: por um lado, regiões em que o êxodo é ainda muito significativo (sobretudo o Nordeste, mas também, embora com população rural menor, o Centro-Oeste). Por outro, o Sudeste e o Sul, em que há uma emigração importante, mas onde não se deve esperar um declínio tão significativo da população hoje residente no campo, dado, inclusive, ao fato de se observar um reduzido contingente populacional residindo lá atualmente (Abramovay, 2000).

- **O papel da educação no meio rural**

Segundo relatório da FAO (1995), também existe uma estreita ligação entre o caráter dos processos migratórios e a formação educacional. De acordo com o mesmo, foi observado que na grande maioria das famílias rurais latino-americanas, está presente o pensamento de que o estudo é mais indicado para as moças do que para rapazes. Por incrível que pareça, ainda existe a crença que o trabalho no campo e uma boa formação educacional não precisam andar juntos.

Dados da Cepal [Durston (1997)] mostram que no Brasil rural 55% dos rapazes têm menos de quatro anos de estudo. A precariedade da situação educacional das moças também é grave, mas menos que a dos rapazes: 42% das jovens rurais têm menos de quatro anos de estudo. Para que se tenha uma idéia da posição do Brasil na América Latina quanto a este aspecto, no Chile apenas 5% dos rapazes (e 4% das moças) estão nesta situação e mesmo no México as cifras são bem menos graves que no Brasil: 27% dos rapazes e 21% das moças (Abramovay, 2001).

Infelizmente o Brasil apresenta um sistema educacional muito homogêneo, que não abrange a realidade e os costumes dos jovens do campo. Onde os conhecimentos e metodologias de ensino aplicadas são mais direcionadas para os jovens urbanos. O interessante é que a maioria das próprias escolas agrícolas, estão localizadas nos perímetros urbanos, onde a realidade é diferente da qual os filhos de agricultores que ali vão estudar estão acostumados. Muitos destes acabam permanecendo nas cidades, arrumando empregos em outros setores que não ligados à agricultura, pois é nas cidades que eles encontram maiores opções de lazer e entretenimento. Muitas destas opções poderiam ser levadas também para o campo, garantindo desta maneira que o jovem rural ocupe seu tempo não só com variedade de trabalho, mas também com alternativas de diversão.

O CASO DE MATO QUEIMADO

- **Realidade produtiva e agrária de Mato Queimado**

Mato Queimado está localizado na Região das Missões, praticamente no centro, na Região Noroeste do Estado. Sua altitude é 220 metros, longitude média de 54,37' e latitude de 28,15'. Este jovem município, que deteve a sua emancipação em 16 de abril de 1996, obteve uma

área territorial de 113,95 Km². Sua população é de etnia germânica (80%)², lusa, italiana e polonesa, permanecendo constante entre os 2.022 habitantes, incumbindo 1.025 (51%) homens e 997 mulheres (49%), onde os constituintes rurais predominam com 1.686, que representa 83% do total, sendo que a urbana restringe-se em apenas 27%, com 336 pessoas.

Por Mato Queimado possuir 113,95 Km² de extensão, existindo 605 domicílios rurais, a extensão média da propriedade rural firmou-se nas 18 ha. E nelas habitam, aproximadamente, 2 ou 3 pessoas. A densidade demográfica é de 17 hab./Km², segundo informações do IBGE 2000.

As estruturas das propriedades são majoritariamente familiares neste município, com predominância de minifundistas. A maioria das propriedades se encontra entre 0-20 ha, que atingem uma produtividade total de 82%, se comparado com as demais, sendo que estas unidades de produção abordam 5.894 ha, contemplando 51,7%. Os domicílios rurais que oscilam entre 21 e 50 ha contraem 12,7% da totalidade agrícola produzida em Mato Queimado, detendo 2.538 ha (22,2%). As unidades de produção maiores, que variam de 51 a 100 ha, somam somente 3,3% da produção final agropecuária em uma área de aproximadamente 1.265 ha, que representa 11,1%, se comparado com as demais. Por fim, vêm as propriedades que já se enquadram como patronal, pois são áreas maiores que 100 ha, produzindo 1,3% do total de setor primário mato-queimadense, prendendo 1.697 hectares (14,8%). Para melhor visualização veja tabela abaixo.

TABELA I: Extensão, produtividade e área total das propriedades rurais do município de Mato Queimado.

	Produção	% de Produção	Área (ha)	% da área
0-20 ha	500	82,64	5894	51,72
21-50 ha	77	12,73	2538,93	22,28
51-100 ha	20	3,31	1265,07	11,10
+ 100 ha	8	1,32	1697	14,83
Total	605	100	11395	100

Fonte: Emater de Mato Queimado

Mesmo com as áreas reunidas entre os pequenos produtores, o setor primário mato-queimadense é responsável pela quase totalidade da renda municipal, sendo que algumas atividades agropecuárias ganharam incentivo e se expandiram por quase todo território. Dentro da agricultura, a soja é responsável por mais de 6.000 ha. Já o milho e o trigo atingem um número menor em extensão, cerca de 2.500 e 1.500 ha, respectivamente. Os bovinos também ganharam representação, mas que não se compara com um de seus derivados, o leite, que atinge a produção anual de 3.281.907 litros, sendo que é a atividade principal de 180 produtores no interior de Mato Queimado. O suíno já foi mais representativo dentro do município, mas hoje, devido sua instabilidade de venda e sua queda no preço, restringe-se nos 700.000 Kg/ano, segundo dados da própria Emater/Ascar. Ocorre a existência de outras culturas menos representativas dentro de Mato Queimado, podendo ser destacado o vinho, o feijão, a mandioca, a fruticultura, etc. No entanto, estas últimas culturas restringem-se, prioritariamente, para o consumo familiar no interior das propriedades.

- **Os condicionantes do êxodo**

² Segundos dados do VII Encontro de Coordenadores de Núcleo da Sicredi.

Como acima retratado, Mato Queimado tem seu alicerce na produção primária de *commodities*. E, por razão do intenso processo de modernização tecnológica experimentado pelas atividades agropecuárias e a crescente externalização de etapas dos processos produtivos, tem tornado o processo de produção cada vez mais individualizado resultando, em muitos casos, na redução dos ativos rurais e da utilização da mão-de-obra disponível nas famílias (Schneider, 2005: 4). Portanto, a maior disponibilidade de tecnologias que usam cada vez menos força de trabalho gera uma sub-ocupação e torna-se um fator que vem estimulando a saída dos jovens rurais para a busca de melhor remuneração na Suíça.

No entanto, a relação entre habitantes de Mato Queimado e a Suíça começou na década 80, antes mesmo deste município se emancipar, quando alguns moradores foram para este país em viagem de passeio. Ao perceberem que lá o trabalho agrícola é muito mais remunerado que no Brasil e por perceberem que neste país ocorria a falta de mão-de-obra braçal, estas pessoas retornaram para exercerem atividades em campos agropastoris. Posteriormente, mais pessoas seguiram este exemplo e o fluxo de indivíduos que vão trabalhar na Suíça tem aumentado ininterruptamente desde então.

Com a criação deste vínculo empregatício entre trabalhadores brasileiros e empresas agrícolas suíças, foi necessária a atuação de outra empresa, com a incumbência de regulamentar o processo de trabalho. Foram especificados critérios seletivos, criação de contratos temporários e outras condições para que uma pessoa ingresse no país com a finalidade de trabalhar nas lavouras e demais zonas de produção agropecuária. Desta maneira, dentre algumas resoluções da empresa atuante em Mato Queimado, ficou resolvido que os candidatos ao trabalho devem ter conhecimento básico da língua alemã – o que não é nada difícil para quem habita este município, sendo que será testado através de uma prova aplicada aos interessados; ter no mínimo 21 anos de idade; só poderão permanecer no país estrangeiro num período de 18 meses, ao menos que se case com pessoas da Suíça; trabalhará em lugares pré-estabelecidos fixados anteriores a viagem.

- **As diferenças das migrações por idade e sexo**

Em Mato Queimado, dentro do programa de trabalho na Suíça, foi observado que a maioria das mulheres que vão para este país permanecem morando lá (75%), já que estabelecem vínculo conjugal com cidadãos daquele país. Para o município, este é mais um determinante para um problema característico das populações rurais do Brasil: a masculinização do campo. Geralmente associada ao fato de que as oportunidades de emprego e renda neste meio são melhores para os homens do que para as mulheres, pois seu trabalho sempre é visto com “ajuda”, reforçando a subordinação ao pai ou marido (Carneiro, 2005)

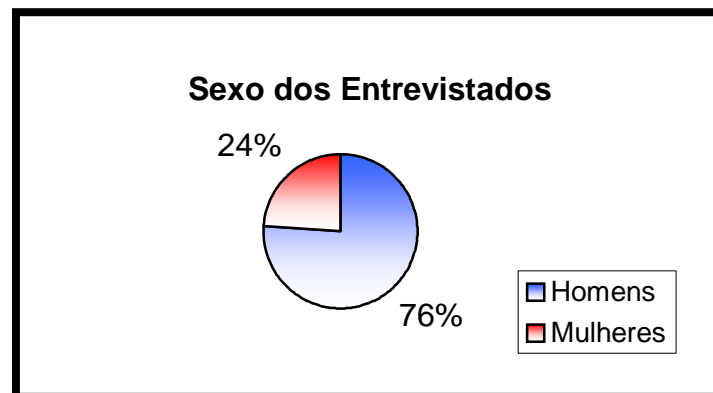
Ravenstein (1885/1980, p. 65), expôs que “as mulheres migram mais que os homens”, sendo este um dos principais comportamentos das migrações rurais. Sendo que, são diversas as causas apontadas para esta migração desigual entre homens e mulheres no meio rural. Algumas definem que a oferta de trabalho doméstico para moças na zona urbana é o determinante para que estas mudem-se para as cidades. Este comportamento também pode estar relacionado ao fato de que, nas unidades de produção familiares, as mulheres geralmente têm uma carga de trabalho intensa, e sem perspectivas de que suas atividades lhe tragam avanços econômicos, ou seja, que

garantam a sua independência financeira. O fato delas procurarem trabalho no meio urbano, mesmo que seja em tarefas domésticas, abre espaço para que estas sonhem com uma carreira profissional mais valorizada, já que as oportunidades de empregos diferenciados são bem maiores nas cidades. A própria família estimula esta migração, uma vez que são bem reduzidas as chances de as moças poderem se estabelecer como agricultoras ou esposas de agricultores (Abramovay *et ali*, 1997).

É notória, nos últimos anos, uma grande alteração a respeito da composição etária e por sexo do êxodo rural, “(...) são as mulheres que partem mais rapidamente e em maior número, pois os homens ficam retidos por seu ofício e sua unidade produtiva, enquanto as mulheres são mais atraídas pelas atividades terciárias urbanas” [Mendras (1976/1995, p. 236)].

Ainda que em Mato Queimado este comportamento de maior migração de mulheres seja comprovado, é possível assinalar que sua principal causa nem sempre está ligada ao fator financeiro, pois a maioria das mulheres que vão trabalhar na Suíça e consegue arrecadar algum dinheiro não retorna para o interior. Até mesmo na entrevista o número de mulheres possível de serem consultadas foi inferior ao de homens, o que pode ser observado no gráfico a seguir.

Gráfico 1



Fonte: Pesquisa de Campo (2005).

- **O trabalho na zona rural da suíça**

Segundo os entrevistados, a carga diária de trabalho (rigorosamente respeitada) é de oito horas. Na maioria dos lugares o trabalho é considerado leve, e envolve atividades como tirar leite, alimentar criações – suínos, aves e bovinos-, cultivar hortaliças e flores, etc. Tarefas que em nosso país não são financeiramente compensatórias quando se é empregado, mas que lá igualam-se a bons empregos do Brasil. No período em que permanecem lá, tirando todas as despesas, os jovens costumam voltar para o Brasil com a quantia de aproximadamente R\$12.000,00 (doze mil reais).

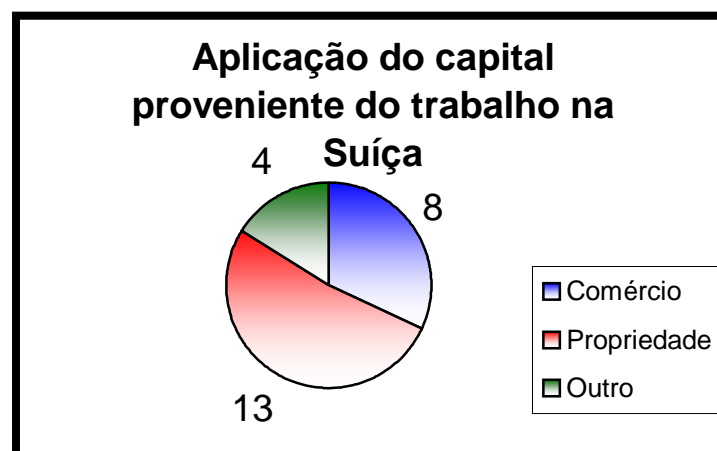
Muitos dos que retornam pensam em voltar para trabalhar ilegalmente, como turistas³, e talvez permanecerem morando por lá. São pessoas que não vêem perspectivas de desenvolvimento no lugar onde moram, alegando que não existe um interesse maior do governo brasileiro em incentivar a produção na pequena propriedade. Segundo os depoimentos fornecidos pelos jovens, se os mesmos não tivessem trabalhado durante o período de um ano e meio na Suíça e, desta maneira terem conseguido arrecadar uma boa quantidade de dinheiro, cedo ou tarde teriam que abandonar o campo e procurar empregos na cidade. O destino quase sempre são os parques industriais existentes na região de Caxias do Sul.

A opinião de todos os entrevistados é que a forma de se praticar a agricultura é muito mais eficiente que a do Brasil. Além de receberem maiores incentivos governamentais, os agricultores de lá apresentam sistemas produtivos eficazes, onde maior quantidade de terra não consiste em sinônimo de produtividade. As famílias conseguem, em pequenas propriedades, a produção para sua subsistência e geração de excedentes que são adquiridos por empresas alimentícias. Havendo uma eficiente integração entre os vários setores agropecuários, os pequenos produtores sentem maior garantia de que venderão sua produção, ao tempo de que as agroindústrias maiores sabem que terão constância no fornecimento de matéria prima.

Para o município de Mato Queimado este processo de trabalho, onde seus habitantes vão trabalhar no exterior tem suas vantagens e desvantagens. E cabe aqui a análise de ambos.

Os jovens que cumprem seu contrato na Suíça e retornam ao seu local de origem, possibilitam uma entrada de recursos e investimentos no local. Ora investem o dinheiro adquirido nas propriedades de seus familiares, fazendo melhorias em instalações, adquirindo novos equipamentos, aumentando a produção de determinadas culturas. Já outros preferem abrir um novo negócio no perímetro urbano, proporcionando a geração de novos empregos e ampliação das atividades comerciais da cidade. No gráfico 2 pode ser verificado o número dos jovens entrevistados que investiu na sua propriedade rural e daqueles o aplicaram em outro ramo.

Gráfico 2



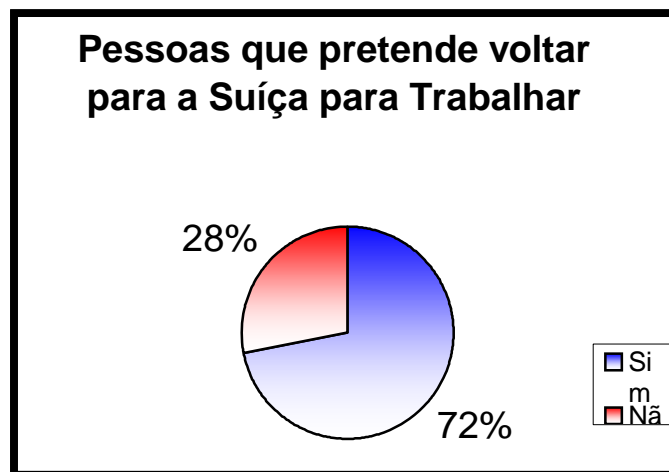
³ Quando se entra como turista na Suíça pode-se ficar **18** meses no país, mas na condição de não exercer atividade que lhe remunere. Assim, estes agricultores que pensam em retornar para lá trabalharam clandestinamente. Mas que, segundo os entrevistados, renderá muito mais financeiramente pois não assinaram carteira e, conseqüentemente, não precisaram pagar o seguro, o que incrementaria mais de R\$ 1.500,00 por mês de lucro.

Fonte: Pesquisa de Campo (2005).

Além do capital que é investido em Mato Queimado, outro fator que é de suma importância para o município é o conhecimento adquirido pelos os jovens que, ao retornarem para o Brasil, investem em seus próprios empreendimentos. Em visita a 5 propriedades destes, pode-se observar o quanto a produção, a logística e a comercialização tem prioridades, sendo que o fluxo de informações e as novas técnicas tem atraído e auxiliado diversos agricultores familiares vizinhos. Outro aspecto considerável são as tecnologias ali ocupadas, pois geralmente são adaptadas sob outros equipamentos já que não se tem como adquiri-los no aqui.

Contudo, as pessoas que não retornam são novos integrantes do grande contingente de cidadãos brasileiros que saem do meio rural. No gráfico 3, está o resultado de uma pergunta feita na pesquisa, na qual os entrevistados foram indagados se tinham a intenção de voltar à Suíça. Muitos disseram ter feito amizades com pessoas daquele país, pretendendo retornar para lá em viagens de passeio. No entanto, se nesta viagem surgirem novas oportunidades de empregos, os entrevistados alegaram que ficarão na Suíça.

Gráfico 3



Fonte: Pesquisa de Campo (2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À princípio, pode parecer que o depoimento de um pequeno grupo de jovens que tiveram uma experiência de trabalho em outro país não representa uma ampla contribuição para o estudo do êxodo rural à nível nacional. Mas os pequenos municípios muitas vezes são o retrato do que acontece numa região ou país. E o que podemos observar em Mato Queimado é um dos principais condicionantes do êxodo rural no Brasil: a busca das pessoas do campo por melhores condições de vida, materializadas por oportunidades de emprego e lazer.

As soluções para conter o esvaziamento das populações rurais não é um processo simples, ela depende das condições que serão dadas para os habitantes deste meio. Depende de ações que façam com que ele seja atrativo tanto para o jovem como para pessoas de todas as idades.

O exemplo matoqueimadense se torna importante dentro da temática do êxodo rural porque no seu caso as pessoas não abandonam o campo para ir trabalhar nas cidades, elas apenas migram de uma área agrícola para outra, onde a valorização e evolução do trabalho rural é bem maior.

É claro que modelos nem sempre adequam-se a todos os lugares, mas na certeza de que os bons exemplos devem ser sempre seguidos, este levantamento consiste em um “grito de alerta”, para que a permanência do jovem no meio rural, seja incentivada, assegurando a eles perspectivas de renda e vida mais dignas.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, Ricardo *et alli*. **Juventude e Agricultura Familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: UNESCO, 1998.

_____. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2ª ed. - Campinas: Unicamp, 1998.

_____. **O Futuro das Populações Rurais**. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2003.

_____. **Agricultura familiar e desenvolvimento territorial**. *Reforma Agrária – Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária* – vols. 28 n°s 1,2 3 e 29, n°1 – Jan/dez 1998 e jan/ago 1999.

ABRAMOVAY, R., BALDISSERA, I. T., CORTINA, N., FERRARI, D., SILVESTRO, M., TESTA, V. M. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios** — Chapecó. Brasília, 1997, mimeo (Convênio FAO-Incra/CPPP-Epagri).

BAENINGER, R. “**Juventude e movimentos migratórios no Brasil**”. In *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, 1998.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. [http:// www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br).

CARNEIRO, Maria José. **Pluriatividade no campo. O caso francês**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 32, out.1996.

CARNEIRO, Maria José. **Significados da pluriatividade para a família rural**. In: Seminário Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável, 2005. *Textos para Discussão*. Brasília/DF, 2005.

CEPAL. **Desarrollo rural sin jóvenes?** Santiago do Chile, 1995, mimeo (LC/R. 1.599)



- DURSTON, John. **Juventude Rural, Modernidade e Democracia: Desafio para os Noventa.** In: *Juventude e Desenvolvimento Rural no Cone sul Latino americano. Série Documentos Temáticos.* RS. Brasil. Junho 1994.
- EMATER/ASCAR **Dados agrícolas sobre o Município de Mato Queimado.** Mato Queimado, 2005.
- FAO. **Diretrizes de política agrária e desenvolvimento sustentável.** Brasília: Convênio FAO/Incra, 1995.
- IBGE. **Censo Populacional de 1996 — Conceituação das características divulgadas na contagem da população de 1996.** 1997.
- MAKSUD, Ivia. **Jovens rurais: novos ideais? Relatório de Pesquisa, projeto integrado “Transmissão do Patrimônio, Etnicidade e Reprodução Social”,** coordenado por M. J. Carneiro, CNPq. 1996.
- MOLINA FILHO, J. **Fundamentos Teóricos e Instrumentos para a Assistência à Agricultura.** Piracicaba: ESALQ, 2001.
- MOYANO, E. Las políticas de desarrollo rural en la Union Europea. In: SHIGEO SHIKI *et alli.* (Orgs.). **Agricultura, meio ambiente e sustentabilidade no cerrado brasileiro.** Uberlândia, 1997.
- NAVARRO, Z. **Desenvolvimento Rural no Brasil: os Limites do Passado e os Caminhos do Futuro.** *Revista Estudos Avançados* vol. 15, nº 43, Instituto de Estudos Avançados – USP; São Paulo, 2001.
- NOVAES, Regina R. **Caminhos cruzados: juventude, conflito e solidariedade.** RJ: ISER, 1996.
- OLIVEIRA, H. Criando as condições para a valorização dos territórios. In: MDA. Referencias para o desenvolvimento territorial sustentável. **Série texto para discussão 04,** 2003.
- SACCO DOS ANJOS, F. **Agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no Sul do Brasil.** Pelotas: EGUFPEL, 2003.
- SCHNEIDER, S. **O papel da pluriatividade numa estratégia de desenvolvimento rural.** In: Seminário Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável, 2005. *Textos para Discussão.* Brasília/DF, 2005.